



Manifesta e Vila Sul: diásporas, deslocamentos e migrações através de eventos e programas de arte contemporânea

Manifesta and Vila Sul: Diasporas, displacements and migrations through contemporary art events and programs

Dra. Alejandra Hernández Muñoz

Como citar:

Hernández Muñoz, A. Manifesta e Vila Sul - diásporas, deslocamentos e migrações através de eventos e programas de arte contemporânea. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 4, n. 1, p.36-51, jan. 2020. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4534>>. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v4i1.4534>.

Imagem: Performance da *Artists Guild*, instalada no antigo Cabaret Voltaire, abertura da Manifesta 11 de 2016 em Zurique, Suíça. Foto da autora, jun. 2016.

Manifesta e Vila Sul: diásporas, deslocamentos e migrações através de eventos e programas de arte contemporânea

Manifesta and Vila Sul: Diasporas, displacements and migrations through contemporary art events and programs

Dra. Alejandra Hernández Muñoz*

Resumo

A partir de informações *on line* e pesquisa *in loco*, o texto apresenta uma reflexão sobre dois grupos de ações e trabalhos que configuram dois formatos de discussão e produção da arte contemporânea: a Manifesta (evento bianual itinerante realizado na Europa desde 1996) e o Vila Sul (programa de residências do Goethe-Institut Salvador-Bahia). Nos dois casos, realizamos uma breve contextualização das modalidades de exposição temporária e de residências artísticas, respectivamente. Na sequência, a modo de diagnóstico, examinamos as contribuições de cada edição da Manifesta na configuração de uma plataforma de debate, produção e promoção artística, e um balanço dos três primeiros anos de atividades do programa Vila Sul e suas consequências. Finalmente apontamos perspectivas para as próximas edições anunciadas da Manifesta em 2020 e 2022 e do Vila Sul para 2020, ressaltando-se a relevância das práticas colaborativas e os desdobramentos dos intercâmbios internacionais na atualidade.

Palavras-chave

Biennial. Residência. Manifesta. Vila Sul. Arte contemporânea.

Abstract

Based on online information and in-site research, this paper reflects upon two groups of actions and works which configure two formats of discussion and production of contemporary art: Manifesta (a itinerant biennial event held in Europe since 1996) and Vila Sul (Goethe-Institute Salvador-Bahia residency program). In both cases, we present a brief contextualization of the temporary exhibition and artistic residency modalities, respectively. Then, as a diagnostic, we discuss the contributions of each edition of Manifesta in the configuration of a platform for debate, production and artistic promotion, and produce a balance of the first three years of Vila Sul program activities and its results. Finally, we point out the perspectives of the next announced editions of Manifesta in 2020 and 2022 and Vila Sul for 2020, highlighting the relevance of collaborative practices and the consequences of international exchanges nowadays.

Keywords

Biennial. Residence. Manifesta. Vila Sul. Contemporary Art.

Introdução

Migrações populacionais, deslocamentos culturais e dinâmicas territoriais são alguns dos grandes temas que ocupam as discussões e produções artísticas atuais no mundo. Ao mesmo tempo, assuntos correlatos como alteridade, multiculturalismo, sustentabilidade, mudanças climáticas e transformações urbanas emergem na maioria dos estudos sobre a contemporaneidade. Nesse contexto, proponho uma reflexão a partir de dois grupos de ações e trabalhos que configuram dois formatos de produção da arte contemporânea: a Manifesta (evento bianual itinerante realizado na Europa desde 1996) e o Vila Sul (programa de residências do Goethe-Institut Salvador-Bahia).

Na primeira parte, abordarei a trajetória da Manifesta, cujas edições de Genk/Limburg-2012, São Petersburgo-2014 e Zurique-2016 tive oportunidade de visitar. A partir dessas visitas e das informações disponíveis nos catálogos, examinarei de modo específico, as contribuições de cada edição e como foi se formando uma plataforma de debate, produção e promoção artística. Numa segunda parte, apresentarei o programa Vila Sul buscando fazer uma síntese dos três primeiros anos de atividades, ressaltando a relevância das práticas colaborativas e os desdobramentos dos intercâmbios internacionais na atualidade.

Das bienais como instâncias de discussão artística no século XXI

No sistema de circulação e legitimação artística consolidado nas últimas cinco décadas, as grandes exposições e eventos periódicos conhecidos genericamente como bienais são, talvez, as instâncias mais destacadas enquanto confluência de discussões temáticas e promoção da visibilidade artística em escala regional e internacional. Realizadas em vários lugares do planeta, com escalas e alcances muito diferentes, as bienais têm funcionado muitas vezes como ápice na hierarquia de circuitos artísticos regionais e nacionais, articulando com instâncias internacionais, grupos, escolas, galerias, museus e diversas outras formas locais da produção artística. Outras vezes, as bienais funcionam como epicentros (ênfatizando o sentido sísmico do termo), que podem provocar ondas tanto positivas, no sentido de emergência ou consolidação de produções artísticas locais, quanto negativas, de destruição ou retração de frágeis iniciativas ou ações incipientes de um contexto (Fleck, 2014).

Em geral, além das exposições de obras artísticas, as bienais compreendem alçadas que promovem colaborações diversas entre agentes do mundo da arte, instituições, acervos, fóruns de debate, pesquisas abrangentes e publicações. Cada evento costuma gerar uma espessura de intercâmbios e abordagens que, a médio e longo prazo, permite identificar focos de atenção do fazer artístico, tendências de pensamento e caminhos para desdobramentos e ações em diferentes níveis (Green; Gardner, 2016). Nas últimas duas décadas, as maneiras de organização das atividades e os repertórios de trabalho desses eventos configuraram estruturas muito diferentes entre si, a tal ponto que hoje parece ocioso discutir a validade do tradicional “modelo bienal”¹.

Cada evento tende a construir possibilidades de fruição, de debate e de formação em torno de condições muito variadas. Em consequência, cada bienal, hoje, conforme as especificidades de sua proposta e lugar de realização, abre um leque de questões e oferece alternativas provocativas para conhecer cidades, construir diálogos com comunidades e promover a produção artística. Portanto, não interessa aqui tecer uma crítica ao fazer das bienais, desde o ponto de vista das lacunas de seus

enfoques e/ou das limitações dos seus formatos expositivos, mas sim reconhecer o papel construtivo de tais eventos em uma perspectiva ampla, consolidando temas que transcendem a própria arte e que problematizam nossos contextos contemporâneos. Nesse sentido, a Manifesta é um bom caso de análise, enquanto plataforma artística, por sua regularidade de edições, abrangência geográfica e promoção de intercâmbios.

A Manifesta, uma bienal nômade

A Manifesta (*European Biennial of Contemporary Art*) é uma bienal nômade de arte contemporânea que acontece cada dois anos em alguma cidade europeia, preferentemente não capital. A proposta emerge da época da queda do Muro de Berlim em 1989, do processo do fim da Guerra Fria com a extinção da URSS em 1991, das mudanças políticas, econômicas e sociais que se seguiram, das redefinições das fronteiras de vários países e da consolidação da União Europeia através do Tratado de Maastricht de 1992. Nesse contexto de profundas transformações, a opção pela não-capitalidade e pela itinerância são pontos de partida singulares da Manifesta em respeito à trajetória das grandes exposições europeias. Essa estratégia de itinerância obriga a repensar o evento a cada edição, promove uma descentralização do circuito da arte contemporânea, problematizando questões regionais e dando visibilidade a realidades territoriais, fluxos de atividades e centros urbanos pouco abordados.

No início dos anos 1990, a proposta de itinerância da Manifesta como evento periódico, circunscrita a um escopo temático de problemas europeus, constituiu uma novidade, numa perspectiva aparentemente menos abrangente que as tradicionais abordagens panorâmicas e internacionais dos eventos europeus mais antigos. Entretanto, cabe lembrar que apesar da singularidade da proposta da Manifesta para o cenário europeu, tal intenção de “recorte” geográfico foi antecipada pelas pioneiras bienais de Sydney (1973) priorizando a produção do Pacífico, Havana (1984), problematizando o Caribe, e Istambul (1987), centrada nos diálogos possíveis em uma posição de fronteira entre Europa e Ásia, Oriente e Ocidente, Cristianismo e Islamismo como espaço de discussão de contemporaneidades afastadas dos esquemas discursivos dominantes. Na sequência, no início dos anos 1990 começaram a ser realizados eventos focalizando realidades geográficas específicas da África em Dakar (1990) e da Ásia em Brisbane (*Asian Pacific Triennial*, 1993). Cabe lembrar que enquanto nascia a Manifesta, também surgiram as bienais de Shanghai (1996) e do Mercosul (1996), focalizando realidades geográficas, políticas e culturais determinadas. A proposta de itinerância da Manifesta também tem precedentes em outros eventos, a exemplo da Bienal de Arte Moderna do Gabão (ou Bienal de Arte Banto Contemporânea) que, em suas sete edições realizadas em diferentes cidades entre 1985 e 2002, compreendia um projeto intergovernamental que visava preservar e promover as culturas banto, que, em fins do século XX, compreendiam pelo menos 150 milhões de pessoas distribuídas em mais de 20 países.

Em termos legais, jurídicos e administrativos, a Manifesta é uma organização privada, não comercial, que opera de maneira completamente independente de partidos políticos ou empresas comerciais. A sede administrativa do evento se localiza em Amsterdam (Holanda) e, desde a primeira edição, tem uma ênfase especial no comissionamento de obras e trabalhos específicos para os locais onde acontece (Green; Gardner, 2016). Como princípios norteadores da proposta destacam-se a colaboração entre diferentes agentes e instituições socioculturais, a inclusão de novos públicos não profissionais da

arte e a reflexão sobre os formatos de mídia de massa (Groys, 2014). A Manifesta também tem um notável papel na promoção de novos artistas e na visibilidade da produção artística regional, a qual dificilmente integra os circuitos mais conhecidos. Nesse sentido, um aspecto inovador da Manifesta é a ênfase dada, nos meses anteriores à abertura de cada edição, ao trabalho colaborativo entre artistas, curadores, representantes de diferentes disciplinas e o público em geral. Outro dos pontos fortes do projeto é a relevância dada aos programas educativos e às publicações.

Desde sua primeira edição em Rotterdam (Holanda)², a trajetória do evento tem tido inovações e aprimorado seu formato. Logo, na segunda edição em Luxemburgo³, incluiu-se uma série de discussões e debates internacionais e foi lançado um "laboratório de informação" (acumulado de dados que constituiu a base do atual arquivo crescente da Manifesta), com material impresso e audiovisual sobre as tendências artísticas em 30 países europeus. Outra característica inovadora daquela edição de 1998 foi o envolvimento de 30 jovens de toda a Europa em um programa de treinamento com fins organizacionais e educacionais. Nas duas edições subsequentes esse programa foi consolidado e ampliado como instância formativa de mediação e assistência de produção.

A partir de 2000, o evento passou a ter um tema de trabalho. A terceira edição, em Ljubljana⁴, recebeu cobertura da imprensa nos EUA e teve alta proporção de visitantes de países vizinhos do Leste e Sudeste da Europa. Para apoiar o tema, foram solicitadas no catálogo contribuições de uma ampla gama de intelectuais eslovenos e estrangeiros (filósofos, historiadores e sociólogos, entre outros) e do público em geral. Na quarta edição, em Frankfurt⁵, além do próprio contexto da cidade, o evento incluiu transmissões de rádio e televisão e começou a explorar o potencial da internet. Um dos legados principais da curadoria dessa edição foi a criação de um extenso arquivo físico e digital a partir das viagens de pesquisa, uma biblioteca (*Trespassing Space*) e um projeto on-line (*e-manifesta.org*). Todas essas iniciativas fortaleceram a dimensão crítica e reflexiva da plataforma, levando à fundação, em 2003, do *Manifesta Journal*, uma publicação de circulação internacional com foco na teoria e nas práticas da curadoria contemporânea.

Ao longo das primeiras edições da Manifesta também foi se consolidando uma visão estratégica do evento, dirigida a avaliar e discutir como as cidades europeias abordam as mudanças climáticas e as migrações e, até que ponto as comunidades dessas cidades representam um estágio de transformação das condições sociopolíticas e culturais europeias afetadas por tais processos. Nesse sentido, na medida em que a organização do evento passou a buscar sedes no entorno do Mediterrâneo, onde seriam mais evidentes os efeitos da migração e das mudanças climáticas, a Manifesta pôde ser lida como uma modalidade de residência coletiva, uma vez que para acontecer como evento expositivo, promove e obriga uma equipe extensa de artistas, críticos e organizadores estrangeiros a se instalar, durante um período, nas cidades-sede, construindo percepções abrangentes da maneira como vivemos em ambientes urbanos e como organizamos nossas cidades no futuro. Inclusive, a partir de 2004 foi estabelecida uma parceria com o *Berlage Institute* de Rotterdam, na intenção de relacionar como as práticas de arte contemporânea se expandem na realidade da arquitetura e do planejamento urbano.

A partir da edição de Donostia-San Sebastian⁶, a Manifesta passou a fortalecer um dos objetivos estratégicos de longo prazo, no sentido de alcançar um equilíbrio norte-sul mais consistente, além do

discurso consolidado leste-oeste. Entretanto, a plataforma sofreu um revés inesperado em 2006 quando a edição prevista para ser realizada em Nicosia (Chipre) teve que ser cancelada três meses antes da abertura em função de tensões políticas na região, segundo os curadores⁷. Entretanto, esse cancelamento mostrou claramente que a Manifesta não espelha apenas as condições sociopolíticas e culturais da cidade-sede, como também reflete a situação geopolítica geral de Europa, podendo contribuir para reflexões e ações sobre a atual crise econômica e migratória. Nesse sentido, as edições de 2008, na região italiana de Trentino-Alto Ádige⁸, e de 2010, no sudeste da Espanha⁹, desenvolveram-se em várias cidades ao mesmo tempo, avançando para uma configuração mais regional em respeito às edições anteriores, centradas apenas em uma única realidade urbana.

Na edição de 2010, pela primeira vez foi integrado um subtema ao título – “Região de Múrcia (Espanha) em diálogo com o norte da África” –, como consequência direta de questões geopolíticas da região do sudeste ibérico. Em diferentes projetos interdisciplinares realizados na ocasião, o tema era ora explícito, ora inferido e ora destacado em filmes históricos, fotografias e obras de artistas da África, com ênfase particular na história da cultura árabe enraizada naquela área. A edição incorporou um grande número de Eventos Paralelos espalhados por toda a região de Múrcia, bem como programas de televisão e rádio, publicações, sites da Internet e projetos multimídia.

A edição de 2012, realizada em Genk (Bélgica)¹⁰, foi recebida com elogio pela crítica e recebeu um público muito diversificado. Pela primeira vez, o evento ocorreu em um único local, a extinta mina de Waterschei, no coração da antiga região de mineração de carvão da região de Limburg. Além do catálogo impresso, a exposição também foi acompanhada por um catálogo digital em constante expansão, contendo ensaios, conceitos, vídeos, fotos e informações detalhadas sobre os artistas e as obras expostas. Um extenso programa de eventos paralelos acompanhou a bienal, composta por uma plataforma de 98 projetos, espalhados por Limburg e além das fronteiras com a Holanda e a Alemanha, o que ofereceu uma visão mais ampla de diferentes aspectos do cenário cultural local ao público regional, nacional e internacional. O tema da Manifesta 9 foi “O Profundo do Moderno”, apresentado com uma estrutura de três mostras com participação de 110 artistas, coletivos e instituições entre as três seções. Além da seleção internacional de arte contemporânea, característica do evento, pautada pelos comissionamentos, a exposição incluiu uma impressionante coleção de obras históricas e exibiu o rico patrimônio da mineração de uma maneira inovadora para o público local e internacional. A proposta buscou criar um diálogo complexo entre diferentes camadas da arte e da história. Seu ponto de partida foi o significado da antiga região de minas de carvão belga para diferentes questões imaginárias e ecológicas associadas ao capitalismo industrial como um fenômeno global. Além dos restos da mina de Waterschei em Genk, o tema da Manifesta 9 foi inspirado pela “máquina de mineração” geográfica-ecológica que transformou a região ao longo do século XX, dando origem a uma paisagem complexa de cidades-jardim, planejamento paisagístico, canais, estradas e ferrovias. A equipe curatorial trabalhou para criar um equilíbrio entre obras, instalações e outras mídias artísticas, e para fornecer uma representação geográfica e de gênero diversificada da atual prática artística contemporânea. Em síntese, a exposição refletiu a complexa mediação de obras de arte, imagens, informações históricas e instituições culturais na produção de modos de pensar modernos e pós-industriais.



Fig.1. Acesso do local principal da Manifesta 9 de 2012, nos remanescentes da extinta mina de carvão de Waterschei em Genk, Bélgica. Foto da autora, jul.2012.

Em 2014, devido a seu antigo status de capital cultural da Rússia e "porta de entrada" para o Ocidente, São Petersburgo foi escolhida como contexto adequado para a décima edição que celebrava os 20 anos da Manifesta¹¹. Nas semanas anteriores à abertura do evento houve sérias críticas à política de intolerância de Vladimir Putin com as comunidades LGBTQ+ e controvérsias sobre a situação dos direitos humanos na Rússia. Entretanto, a organização do evento continuou adiante. Uma das inovações da edição foi promover práticas artísticas experimentais articuladas com o acervo do Hermitage, um dos museus mais antigos e prestigiados do mundo e que em 2014 comemorava 250 anos de existência. A singularidade do Hermitage prestou-se de modo incomum para observar

momentos variados da história da arte (local e global, recente e passada). Parte das coleções históricas e das obras comissionadas foram distribuídas entre os dois edifícios do Hermitage, criando diálogos entre os trabalhos artísticos e o contexto arquitetônico. Como os espaços do recém-renovado General Staff Building – as novas instalações do Hermitage dedicadas à arte moderna e contemporânea – eram mais simples que os interiores do Winter Palace, dois terços da mostra foram concentrados naquele edifício. Contudo, a exposição incluiu um número relativamente modesto (51) de artistas representados por várias obras cada, em vez de oferecer uma visão abrangente quantitativa da arte contemporânea.



Fig. 2. Espaço dos programas públicos da Manifesta 10 de São Petersburgo, Rússia, no General Staff Building, edifício renovado para albergar as coleções de arte contemporânea do Hermitage Museum. Foto da autora [jun.2014].

A edição de 2016 teve por tema “O que as pessoas fazem por dinheiro”, concentrando a atenção na relação entre trabalho artístico e o mundo laboral em geral¹², que, em nossa era pós-industrial, é um conceito que ressoa profundamente com a vida não apenas em Zurique, local do evento, mas no resto do mundo. Sobretudo, trabalhar e ganhar a vida no ramo da arte é tarefa de muitos conflitos e contradições. Portanto, a proposta foi uma espécie de experimento coletivo, questionando a identidade da cidade através da interação com seus cidadãos. O que fazemos com nossas vidas? Como trabalhamos juntos? Dos 130 artistas que tiveram obras e projetos apresentados na edição, 30 foram convidados a colaborar com os anfitriões de sua escolha na diversificada força de trabalho de Zurique, a fim de descobrir suas condições laborais. Nos dois principais locais, Löwenbräukunst e Helmhaus, duas das instituições de arte icônicas de Zurique, as novas obras resultantes do comissionamento foram exibidas e complementadas por uma exposição histórica, oferecendo uma ampla variedade de exposições de mais de 200 artistas em cinco décadas. Outras obras comissionadas também foram exibidas nos chamados satélites, locais onde os anfitriões dos artistas mantinham seus empregos. Dois lugares de experimentação da arte no contexto do entretenimento foram o chamado Cabaret der Künstler – Zunfthaus Voltaire e o Pavilhão das Reflexões. O lendário Cabaret Voltaire, um cabaré de artistas atualmente renomeado “Voltaire Guild House”, tornou-se o palco da recém-criada guilda de artistas. Já o Pavilhão das Reflexões era uma combinação de banheiro público e local de arte, exibindo documentários sobre o desenvolvimento de *joint ventures* no contexto da Manifesta. Em 34 locais de exibição por toda a cidade o evento convidava aos habitantes de Zurique e os visitantes a seguir novos caminhos na cidade e em suas próprias mentes. Assim, o processo nos levava de volta à questão central do que é arte e do que não é.

Depois de três edições consecutivas ocorridas em regiões do norte e centro da Europa (Limburg, São Petersburgo e Zurique), para as edições de 2018, 2020 e 2022 a diretiva da Manifesta propôs retomar a cidades do Mediterrâneo: Palermo (Itália), Marselha (França) e Pristina (Kosovo), respectivamente. Tanto Palermo como Marselha são cidades ocupadas por muitas das civilizações europeias, tendo conexões de longo prazo com o norte da África e o Mediterrâneo oriental. Essa história de várias camadas deixou marcas em toda a região e formou uma sociedade multicultural. A proposta da Manifesta de 2018¹³ explorou o perfil informal de Palermo para atuar como plataforma para a mudança social. Sob o título de “O Jardim Planetário” o evento confrontou-se abertamente com a decisão populista do ministro do Interior da Itália e líder do partido da extrema-direita, Matteo Salvini, de fechar os portos do país a barcos de resgate de ONGs que operam no Mediterrâneo para salvar migrantes no mar. A resposta do prefeito Leoluca Orlando foi, pelo contrário, a abertura do porto de Palermo a todos os socorristas. Nesse contexto delicado de oposições sociopolíticas, enquanto milhares de pessoas buscavam desesperadamente uma oportunidade de sobrevivência, a Manifesta atuou como uma incubadora de base, apoiando as comunidades locais com intervenções culturais, buscando repensar a cidade em suas estruturas socioeconômicas e culturais.

Pode-se esperar que o projeto das edições de 2020 em Marselha e 2022 em Kosovo, a Manifesta amplie o escopo desenvolvido em Palermo. Desde a Odisseia até a atual crise migratória, Marselha é um lugar para reconhecer o peso e a presença do Mediterrâneo na construção histórica da identidade europeia¹⁴. Além das questões de coexistência e alteridade que permeiam todas as discussões em torno das migrações, temas como a água e o meio ambiente, de modo geral, precisam ser examinados na

ecologia política dos conflitos passados e atuais. Tanto em Marselha como em Kosovo teremos uma oportunidade de olhar para o passado e pensar sobre os desafios atuais que a Europa enfrenta desde a perspectiva das pessoas e de um espaço público compartilhado.

Para 2020, a investigação de novos modos de estar juntos se apresenta como ferramenta para que instituições locais, associações e produtores culturais se conectem, intercambiem e criem de modo colaborativo e compartilhado com pesquisadores, artistas e arquitetos convidados. Revelando o que já está ativo na cidade e na região e colocando em jogo novas relações, o evento discutirá como Marselha e sua região podem se tornar uma fonte de inspiração para um modelo renovado de convivência em uma cidade influenciada por várias gerações de migrantes. Desde o título da edição *Traits d'union.s*, a escolha consciente de adicionar o “.s” visa destacar a pluralidade de instituições e indivíduos que serão participantes ativos do Manifesta 13 e, assim, cristalizar a transformação de uma bienal com curadoria de arte contemporânea em uma bienal interdisciplinar, socialmente engajada e baseada em pesquisa, que visa deixar um legado sustentável na cidade anfitriã para além da duração estipulada dos programas e projetos.

A escolha de Pristina para 2022 deve-se à posição geográfica e geopolítica dos Balcãs em relação à história recente da Europa e ao seu futuro. A cidade tem uma história relativamente jovem como capital de Kosovo, o estado-nação mais novo de Europa, e experimentou grandes transformações em sua paisagem por causa das políticas neoliberais irrestritas de privatização de espaços urbanos abertos. Portanto, até 2022 a Manifesta deverá continuar aprofundando questões cruciais para o mundo contemporâneo e ampliando a sua plataforma como uma das referências mais importantes para a arte contemporânea.

Das residências como formação e produção artística no século XXI

Na tradição da formação artística acadêmica, as viagens de estudo por longos períodos, principalmente a Roma e Paris, caracterizam o aprendizado de muitos artistas, sobretudo desde fins do século XIX. As premiações e bolsas para estudantes de artes são recorrentes desde inícios do século XX, principalmente como complementação da formação e oportunidade de fruição de obras e coleções de arte canônicas. Na medida em que as viagens se tornaram mais acessíveis nas duas últimas décadas, em tempos de incentivo à mobilidade acadêmica e de lógicas de “consumo da experiência”, os estágios temporários fora do contexto profissional habitual ganharam estruturas que propiciam condições de discussão, conhecimento e produção artísticos graças ao deslocamento geográfico. Nessa linha podem ser vistas as atuais residências artísticas, isto é, uma modalidade derivada das viagens de estudo de outrora. Na última década, o número de residências artísticas cresceu vertiginosamente, tanto em âmbitos institucionais tradicionais quanto em espaços exóticos. Programas e projetos de diferentes perfis surgiram em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil, expandindo as possibilidades de criação, intercâmbio, colaboração e estudo artístico.

Os formatos de residências variam desde o compartilhamento de espaços provisórios e ateliês rotativos até projetos de imersão e vivência vinculados a comissionamento de eventos. Em geral, o que caracteriza uma residência artística é o deslocamento e ocupação espacial, como mecanismo de estranhamento, e a concentração do trabalho em um período determinado, como incentivo à produção artística e reflexiva em condições restritas (Sepúlveda, 2018). Cada programa de residência tem suas

especificidades em relação a locais, regime de temporada, temas de concentração, condições físicas e financeiras, perfis de suportes e técnicas, acompanhamento curatorial e parcerias de colaboração ou subsídio. Dentro desse espectro abordarei o caso do recente Programa de Residências Vila Sul do Goethe-Institut Salvador-Bahia.

O Vila Sul: um programa de residências na Bahia

No contexto geopolítico do chamado Sul Global, o Brasil é economicamente o país mais expressivo da América do Sul, com um papel relevante na construção do diálogo Sul-Sul sobre economia, política e cultura. Desde 1951, o Goethe-Institut é a maior instituição de ensino de alemão no mundo e, atualmente, compreende uma rede de 159 unidades em 98 países de todos os continentes. Mas além da língua alemã, as sedes da instituição têm uma trajetória associada ao estímulo da cultura no local onde se inserem. Esse é o caso da sede do Goethe-Institut Salvador-Bahia, criada em 1962, um espaço com mais de meio século de contínua realização e promoção de atividades artístico-culturais. É nesse contexto que, visando fortalecer interlocuções do Brasil e demais países do hemisfério Sul, nasceu em 2016, o Programa de Residência Artística Vila Sul, dirigido ao acolhimento de artistas e agentes culturais de diversas áreas, linguagens e origens.

O Programa, sob o tema geral “Sul”, destina-se a intelectuais, artistas, cientistas e escritores reconhecidos de todas as disciplinas, bem como a outros profissionais em campos interdisciplinares ou de pesquisa. A cada dois meses turmas de quatro residentes permanecem por três a quatro semanas nos apartamentos individuais e dependências do Goethe-Institut Salvador-Bahia realizando pesquisas, participando de atividades de intercâmbio e estabelecendo contatos e colaborações com diversas instituições e agentes locais de diferentes áreas de interesse¹⁵. O Programa tem parceria da Robert Bosch Stiftung, o Musicboard Berlin, a Kunststiftung Sachsen-Anhalt, o Conseil des arts et des lettres du Québec (CALQ), e conta com algumas colaborações e apoios pontuais segundo cada projeto e/ou residente.

O processo de seleção de residentes consta de quatro etapas. Em um primeiro momento, um grupo de 18 indicados baseados na Alemanha (9 alemães e 9 não alemães) junto a outros nomeados selecionados, com representantes do Goethe-Institut de todo o mundo, indicam dois candidatos cada. Em uma segunda etapa, após a nomeação, o Goethe-Institut Salvador-Bahia entra em contato com todos os candidatos para averiguar se há interesse e disponibilidade dos nomeados em participar do programa. Em seguida, os interessados enviam uma breve candidatura e uma carta de intenção a partir das quais, em uma terceira etapa, um júri formado por representantes locais (de Salvador, do Goethe-Institut na América Latina e na Alemanha), escolhe um elenco de candidatos para a fase final de formalização do convite pelo Goethe-Institut. Os residentes dos primeiros dois anos de 2016 a 2017 integraram o projeto intercontinental “Episódios do Sul”, desenvolvido na América do Sul. Os residentes são estimulados a desenvolver suas pesquisas relativas ao ‘Sul’ no local, a vivenciar e se relacionar com a cena cultural, a cidade e a natureza. Não existe obrigação de que haja produção e o resultado é aberto. Mesmo assim, os residentes devem apresentar-se publicamente com parceiros interessados, se possível, duas vezes durante sua estadia



Fig.3. Performance conjunta da compositora e musicista peruana Pauchi Sasaki, residente no Programa VilaSul, com professores e estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Teatro do Goethe-Institut de Salvador-BA, em novembro de 2017. Arquivo da autora.

Até dezembro de 2019 passaram pelo programa 80 residentes (individuais ou em duplas), 43 homens e 37 mulheres, dos quais 22 alemães, 16 provenientes de América Latina, 16 da África e 26 de outros lugares¹⁶. Desses 80 residentes nos três primeiros anos do Programa Vila Sul, pelo menos 50 têm atuação na área de artes visuais e, desses, 15 são curadores/as ou desenvolvem trabalhos de história, crítica e teoria das artes. Dentre as consequências mais notáveis do Programa cabe mencionar:

1. A artista Helen Sibidi (África do Sul, residente jun./ago.2016) sob orientação da curadora Gabi Ngcobo (África do Sul), desenvolveu os trabalhos comissionados para a 32ª Bienal de São Paulo, além de diversas conversas e visitas realizadas com a comunidade artística de Salvador.

2. Ben J. Riepe (Alemanha, residente jan./mar.2017) desenvolveu um projeto de dança na cidade e, em 2019, retornou com fundos captados na Alemanha e o apoio do Goethe-Institut, trazendo consigo sua equipe e dois bailarinos para montar uma nova coreografia, que absorveu quatro dançarinos locais da periferia de Salvador. A peça “Medo/Angst” estreou na Alemanha onde participou de três festivais¹⁷. Dos quatro dançarinos locais, dois foram aprovados na seleção para entrar em uma Universidade de dança na Alemanha e iniciarão seus estudos agora em setembro. Também em 2019 o projeto, através do programa Weltkunstzimmer, levou os artistas Tiago Sant’Ana, Lais Machado, Michele Matiuzzi e Wagner Schwartz para apresentações de seus trabalhos e participações de rodas de conversa em Düsseldorf (Alemanha).
3. A curadora Nadine Siegert (Alemanha, residente ago./out.2017) ministrou um curso de cinco dias sobre arte contemporânea africana no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) de Salvador e montou a exposição *Future Afro-Brazilian Visions in Time* (FABVT), uma adaptação da FAVT que foi montada na Iwalewahaus de Bayreuth (Alemanha) e em países da África. Na versão brasileira de 2017, a curadora alemã contou com o apoio do curador Tiago Sant’Ana e incorporou artistas locais. Em 2018 voltou a Salvador para ministrar outro curso sobre a cena de arte contemporânea angolana, realizado na Casa de Angola.
4. O cineasta Isaac Julian (Inglaterra, residente abr./mai.2018) voltou a Salvador para gravar o filme *Lina Bo Bardi - A Marvellous Entanglement* nos espaços projetados pela arquiteta¹⁸. No projeto, engajou o Balé Folclórico da Bahia, a estilista e artista visual Carol Barreto e os artistas/performers da Plataforma Araká que, também, contribuíram na composição da trilha sonora. Ao todo, levou um grupo de oito artistas baianos para uma residência na Flórida em 2019.
5. Os artistas Hand Diederma e Will Sanders (Alemanha e Inglaterra, residentes out./dez.2018) mobilizaram a comunidade *trans* de Salvador, reunindo mais de 20 meninas e meninos *trans* para gravar um vídeo, fazer fotos e entrevistas no Goethe-Institut Salvador-Bahia. No vídeo, rodado com câmera de 360 graus, as pessoas *trans* jogam baleado no teatro da instituição. O material se desdobrou no projeto “#Baleado360” que está mapeando a comunidade *trans* de Colônia e irá se tornar uma exposição na Alemanha.
6. O artista Emo de Medeiros (Benin, residente fev./mar.2019), desenvolveu, como bolsista da Associação Cultural Videobrasil, trabalho comissionado para a 21ª Bienal SESC/Videobrasil de 2019 em São Paulo, além de participar em diversos eventos com a comunidade artística de Salvador.
7. A partir do potencial de intercâmbios e participações dos residentes nos dois primeiros anos do Programa Vila Sul, ao longo de 2019 foi realizado um projeto de quatro exposições coletivas na galeria do Goethe-Institut Salvador-Bahia, sob a

curadoria de Tiago Sant'Ana, promovendo diálogos artísticos entre artistas nacionais e locais com residentes do Vila Sul.

Além da residência enquanto estágio em Salvador, em 2019 o Goethe-Institut iniciou um programa global de ex-residentes, no qual os trabalhos dos ex-residentes devem ser continuados e também guardados em um acervo digital disponível *on line* e um arquivo físico na Biblioteca do instituto. A perspectiva é a de promover encontros de ex-residentes que deverão acontecer em um período ainda a ser definido.

Finalmente, cabe assinalar que o foco do Programa Vila Sul não é o de promover o intercâmbio de artistas locais no exterior, mas desenvolver e fomentar localmente a arte em Salvador. Contudo, desde sua abertura e como elencado antes, algumas ações reverberaram fora do Brasil e, na medida que o programa continue se desenvolvendo, outras possivelmente ocorrerão. Além dos numerosos intercâmbios, participações, parcerias e colaborações desenvolvidos nas áreas de música, artes cênicas, sócio-política e jornalismo, na área de artes visuais os desdobramentos do programa têm sido muito importantes, propiciando circulação e visibilidade tanto ao trabalho dos residentes como ao de artistas brasileiros e baianos que acompanham ativamente o programa. Em tempos de cerceamento da liberdade de expressão, de retrocesso das instâncias federais de promoção artística e de ataques às artes no Brasil, a existência de programas como o Vila Sul representam uma possibilidade de resistência ao obscurantismo.

Perspectivas para novas edições

As duas instâncias apresentadas, Manifesta e Vila Sul, são programas que exploram o deslocamento como estratégia de discussão e produção artística. A Manifesta tornou-se uma plataforma itinerante que se concentra no diálogo entre arte e sociedade na Europa. Porém, em cada edição fica evidente que o sucesso do projeto depende da colaboração entre agentes internacionais e locais e do envolvimento das comunidades locais onde ele se realiza. Como acontece na maioria das bienais e grandes mostras das três últimas décadas, a cada edição da Manifesta a receptividade ao evento, o alcance dos programas públicos e a recepção da crítica especializada variam. Em qualquer caso, os resultados dos programas de residências, dos fóruns de reflexão e das instâncias colaborativas promovidas pela Manifesta têm sido relevantes como formato de intercâmbio e de trabalho entre artistas oriundos de diversas realidades e comunidades de diferentes perfis. Já o Vila Sul fixou um ponto de referência, a cidade de Salvador de Bahia (Brasil), como lugar de confluência e articulação de um pensamento sobre o Sul Global. Uma dinâmica bimensal de novos residentes garante uma movimentação de referências e a constante troca de experiências entre profissionais visitantes e comunidade local. Desde o início do programa se difundem numerosas iniciativas colaborativas e reverberam intercâmbios que contribuem imensamente para o fortalecimento da cena artística contemporânea baiana em um momento de retração de políticas públicas e de supressão de canais de estímulo à produção artística na Bahia.

De um lado, a Manifesta construiu um formato que explora os *genius loci* e serve como exercício para re-identificar como se vive, se trabalha e se pensa o futuro desde a Europa no contexto dos crescentes desafios da recessão econômica, migração e mudança climática. O formato itinerante da Manifesta permite estudar os impactos locais e regionais dos problemas e conjunturas sócio-políticas e culturais

que são cotejáveis com outras realidades fora do continente. De outro lado, o Vila Sul está consolidando uma metodologia de trabalho integrado, promovendo estadias de profissionais do mundo todo que podem fornecer outros entendimentos para a realidade baiana e contribuir para a mobilidade de artistas locais, evidenciando uma dimensão natural, cultural e sócio-política que dificilmente é acessada pelo debate contemporâneo. Em ambos os projetos, Manifesta e Vila Sul, o deslocamento é a ferramenta e os lugares o material para repensar as relações de alteridade. De modo abrangente, ambas as iniciativas fazem da arte uma oportunidade para levantar hipóteses sobre como somos afetados pelas mudanças de habitat, do pensamento, dos costumes e da sociedade.

Referências

FLECK, Robert. *El sistema del arte em el siglo XXI. Museos, artistas, coleccionistas, galerias*. 1ª ed. Trad. Mariana Dimópulos. Buenos Aires: Mardulce, 2014.

GREEN, C.; GARDNER, A. *Biennials, Triennials and documenta – The Exhibitions That Created Contemporary Art*. Chichester-Wets Sussex: Wiley Blackwell, 2016.

GROYS, Boris. *Volverse público – Las transformaciones del arte en el ágora*

contemporânea. Trad. Paola Cortes Rocca. 1ª ed. Buenos Aires: Caja Negra, 2014.

SEPÚLVEDA, Jorge *et al. Modelos de residência – Encuentro Internacional de Arte Contemporáneo*. 1ª ed. bilíngue. Santa Maria de Punilla: Curatoria Forense, 2018.

V.V.A.A. Catálogos e referências eletrônicas da Manifesta e do Vila Sul.

Notas

* Alejandra Hernández Muñoz é professora de História da Arte da Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA). Email: <ahm1@uol.com.br>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-0381-5198>>.

¹ O chamado “modelo bienal” refere-se ao tipo de exposição artística, de caráter contemplativo, decorrente da estrutura consagrada pela Bienal de Veneza desde inícios do século XX, isto é, um núcleo principal (desde os anos 1960 de caráter monográfico ou temático curatorial) concentrado nos Giardini e, desde 1980, dividido com o Arsenale, rodeado de pavilhões independentes com representações nacionais (desde 1907), que configuram um complexo panorama com instâncias de premiação. Apesar do crescimento do evento e de sua evolução ao longo do tempo, sobretudo pela inclusão de programas públicos, da articulação com projetos de residências artísticas e da expansão de novos pavilhões nacionais pelo tecido urbano do arquipélago vêneto, a organização tradicional da Bienal de Veneza constituiu um modelo seguido por numerosos eventos do tipo, em diferentes escalas pelo mundo. Desde os anos 1990 diversas bienais têm questionado este modelo, construindo propostas e alternativas para a discussão, promoção e produção artística contemporânea (Green; Gardner, 2016).

² Desenvolvida por Hedwig Fijen e Jolie van Leeuwen, a Manifesta 1 (<<http://m1.manifesta.org/index.html>>) foi realizada em 1996 em Rotterdam (Holanda), reunindo mais de 70 artistas provenientes de 25 países em 16 museus e instituições culturais em torno do Museumpark, sob curadoria de Katalyn Neray (Budapeste), Rosa Martínez (Barcelona), Viktor Misiano (Moscou), Andrew Renton (Londres) e Hans Ulrich Obrist (Londres).

³ A Manifesta 2 (<<http://m2.manifesta.org/index.html>>) ocorreu em 1998, em cinco museus, espaços de arte e espaços públicos de Luxemburgo, com curadoria de Robert Fleck (Düsseldorf), Maria Lind (Estocolmo) e Barbara Vanderlinden (Bruxelas). Sob o patrocínio do Ministério da Cultura de Luxemburgo, teve 47 artistas que apresentaram principalmente obras específicas para o local. Além do arquivo digital, o catálogo da exposição continha informações sobre a infraestrutura da arte visual contemporânea na Europa.

⁴ A Manifesta 3 (<<http://m3.manifesta.org/index.html>>), intitulada “Síndrome de Borderline - Energias de defesa”, foi realizada em Ljubljana (Eslovênia) em 2000, sob curadoria de Francesco Bonami (Nova York/Turim), Ole Bouman (Roterdã/Shenzhen), Mária Hlavajová (Amsterdã/Utrecht) e Kathrin Rhomberg (Berlim/Viena). Participaram 59 artistas, coletivos, planejadores urbanos e arquitetos com trabalhos distribuídos por três locais principais.

⁵ A Manifesta 4 (<<http://m4.manifesta.org/index.html>>), curada por Iara Boubnova (Sofia), Nuria Enguita Mayo (Valência) e Stéphanie Moisdon Trembley (Paris), ocorreu em um contexto territorial e institucional abrangente, em mais de 15 locais de Frankfurt/Main (Alemanha), envolvendo mais de uma dúzia de teóricos em oficinas, discussões e programas públicos. Dos 85 artistas e coletivos participantes, pelo menos 3 representavam Rússia e Turquia e 5 provinham de fora da Europa (Israel, Peru, Japão, Coreia e China).

⁶ A Manifesta 5 (<<http://m5.manifesta.org/>>) ocorreu em 2004 em Donostia-San Sebastian (Espanha), com curadoria de Massimiliano Gioni (Milão/Nova York) e Marta Kuzma (Veneza/Estocolmo) e participação de 64 artistas e coletivos, dos quais pelo menos 6 representavam Rússia e Turquia e outros 6 provinham de fora da Europa (Ucrânia, Israel, Palestina e Peru).

⁷ A proposta curatorial para a Manifesta 6, organizada para ser realizada em 2006 em Nicosia (Chipre), era abrir uma escola de arte de vanguarda (retomando experiências como a Bauhaus e o Black Mountain College) para residências e exposições na região da chamada "Linha Verde" que divide a capital Nicósia em duas partes – ao norte sob jurisdição da Turquia e ao sul controlada pelo governo da República do Chipre. Porém, a ideia foi recebida com oposição veemente da comunidade artística local. Na opinião de Michael Paraskos, diretor de programas do Cyprus College of Art, "os artistas de Chipre estão sendo tratados como se fossem nativos incivilizados, adequados para estudo antropológico e possível conversão por missionários, mas não para serem tratados como iguais".

⁸ A Manifesta 7 (<<http://www.manifesta7.it/>>) de 2008, aconteceu no norte da Itália, distribuída ao longo de um eixo composto pelas cidades de Forzezza, Bolzano, Trento e Rovereto, com curadoria de Adam Budak (Washington), Anselm Franke (Berlim), Hila Peleg (Berlim) e Raqs Media Collective (Nova Délhi). O evento atraiu mais de 108.000 visitantes durante um período de 111 dias de intensa atividade. Teve a presença de numerosos e diferentes grupos de audiência e ampla cobertura na imprensa local, nacional e internacional (com 1.615 jornalistas da Itália e do exterior inscritos). As exposições apresentaram trabalhos de 230 artistas, arquitetos e escritores participantes, dos quais pelo menos 47 provinham de fora da Europa (inclusive 6 latino-americanos).

⁹ A Manifesta 8 (<<http://www.manifesta8.com/>>) ocorreu durante 100 dias de 2011 nas cidades de Múrcia e Cartagena, no sudeste da Espanha, sob curadoria de três coletivos curatoriais independentes, cada um deles desenvolvendo um projeto como uma contribuição curatorial autônoma (ACAF - Fórum de Artes Contemporâneas de Alexandria, CPS - Câmara de Segredos Públicos e tranzit.org.). O evento ocorreu em 14 locais, cinco dos quais foram prédios históricos especialmente reformados para o evento, além de quatro espaços para mídia, com uma receptividade de 110.000 visitantes, dos quais mais de 10% foi participante das atividades educativas e programas públicos propostos. Teve participação de pelo menos 108 artistas elencados.

¹⁰ A Manifesta 9 (<<http://m9.manifesta.org/>>) foi realizada em Genk (Bélgica) em 2012 e teve 100.866 visitas, incluídas as mais de 37.000 pessoas que participaram dos programas públicos de mediação e educação. A equipe curatorial foi liderada por Cuauhtémoc Medina (México), quem, juntamente com as curadoras associadas Katerina Gregos (Grécia/Bélgica) e Dawn Ades (Reino Unido), desenvolveram o conteúdo da exposição. Além do grupo responsável pela gestão, educação, produção, comunicação, doações e escritório da Manifesta 9, o projeto contou com a ajuda de 260 voluntários.

¹¹ A Manifesta 10 (<<http://m10.manifesta.org/>>) foi realizada em 2014 em São Petersburgo (Rússia), com curadoria de Kasper König (Alemanha), atraindo um público surpreendente de 1.510.309 visitas entre todos os locais: o Winter Palace e o General Staff Building (ambos do State Hermitage Museum), o Apartment Art as Domestic Resistance e os vários eventos educacionais e de programas públicos que ocorreram através da cidade.

¹² A Manifesta 11 (<<http://m11.manifesta.org/>>) foi realizada em Zurique (Suíça), sob a curadoria do artista alemão Christian Jankowski e das co-curadoras Francesca Gavin (Inglaterra), Georgina Casparis (Suíça) e Masha Isserlis (Ucrânia), além de John Beeson (EUA) e Manuel Scheiwiller (Suíça).

¹³ A Manifesta 12 (<<http://m12.manifesta.org/>>) aconteceu em 2018 em Palermo (Itália) com curadoria de Bregtje van der Haak à frente da equipe dos "mediadores culturais" Andrés Jaque, Ippolito Pestellini Laparelli e Mirjam Varadinis. O projeto compreendeu 48 projetos artísticos em 22 locais diferentes com participação de 44 artistas convidados.

¹⁴ Sob o título "Traits d'union.s" a Manifesta 13 (<<https://www.manifesta13.org/>>) deverá ocorrer de 7 de junho a 1º de novembro de 2020 em Marselha e sua região, com curadoria de Katerina Chuchalina (Rússia), Alya Sebti (Marrocos), Marina Otero Verzier (Espanha) e Stefan Kalmár (Alemanha).

¹⁵ O Instituto, localizado em um bairro rodeado de museus e teatros, dispõe de um teatro black box, duas galerias, um pátio, uma biblioteca e várias salas de aula, oferecendo condições ideais para o encontro, a reflexão e a apresentação e produção culturais.

¹⁶ O Goethe-Institut Salvador-Bahia ainda não dispõe de estatísticas sobre o conjunto dos residentes de 2016 a 2019. As informações apresentadas neste texto foram levantadas a partir das apresentações individuais disponibilizadas em <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/sta/sal/ueb/exr.html>, onde também é possível acessar o arquivo das atividades realizadas, onde estão hoje e o que estão fazendo os ex-residentes.

¹⁷ Outras informações disponíveis em <<https://www.benjriepe.com/en/medo-angst-2/>>. Acesso em set. 2019.

¹⁸ Algumas imagens do projeto foram acessadas in: <<https://www.victoria-miro.com/exhibitions/543/>> em set. 2019.

Artigo recebido em outubro de 2019. Aprovado em dezembro de 2019.